

**AS ECOLOGIAS DO SERTÃO E DO SERTANEJO NA OBRA DE PATATIVA
DO ASSARÉ: IMPLICAÇÕES AO ENSINO DE CIÊNCIAS**

THE ECOLOGIES OF THE SERTÃO AND OF THE SERTANEJO IN THE WORK
OF PATATIVA DO ASSARÉ: IMPLICATIONS FOR SCIENCE TEACHING

Elisângela Campos Damasceno ¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

Geraldo Jorge Barbosa de Moura ²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: Este artigo apresenta como objetivo analisar os poemas *A Triste Partida*, *Nordestino, sim!*, *Nordestinado, não!*, *A Festa da Natureza*, *O Poeta da Roça*, *Caboclo Roceiro*, *O Burro e O Sabiá e o Gavião*, do escritor cearense Patativa do Assaré, na interface com as perspectivas eco-zoopoéticas, a fim de delinear as ecologias do sertão e do sertanejo na busca de interlocução com um ensino inter e transdisciplinar de ciências. A presente pesquisa se caracteriza como descritivo-explicativa e adota, como método de investigação, a Análise do Discurso de Linha Francesa segundo Michel Pêcheux (2006). Evidencia-se, como principais resultados, a constatação de que a Eco-poética e a Zoo-poética, a partir dos poemas em epígrafe, permitem uma análise complexa do sertão e do sertanejo cearense, suscitando, assim, um diálogo com diversas áreas, como, por exemplo, História, Sociologia, Antropologia, Política, Geografia, Filosofia, Psicanálise e Direito. Portanto, infere-se que essas aderências epistemológicas podem incitar um ensino transversal de ciências.

Palavras-chave: Eco-poética; educação; zooliteratura.

Abstract: This article aims to analyze the poems *A Triste Partida*, *Nordestino, sim!*, *Northeastern, não!*, *A Festa da Natureza*, *O Poeta da Roça*, *Caboclo Roceiro*, *O Burro and O Sabiá e o Gavião*, by the writer from Ceará Patativa do Assaré, in the interface with eco-zoopoetic perspectives, in order to outline the ecologies of the sertão and sertanejo in the search for dialogue with inter and transdisciplinary science teaching. This research is characterized as descriptive-explanatory and adopts, as a research method, French Discourse Analysis according to Michel Pêcheux (2006). The main results are the observation that Eco-poetic and Zoo-poetic, based on the poems above, allow a complex analysis of the cearense sertão and sertanejo, thus stimulating a dialogue with different areas, such as, for example, History, Sociology, Anthropology, Politics, Geography, Philosophy, Psychoanalysis and Law. Therefore, it is inferred that these epistemological adherences can encourage transversal science teaching.

Keywords: Eco-poetic; education; zooliterature.

¹ Pós-Doutora em Ensino (UFRPE). Professora do IFPI. Email: elisceno@ifpi.edu.br.

² Pós-Doutor em Comportamento pelo Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto, Portugal. Professor da UFRPE. Email: geraldo.jbmoura@ufrpe.br.

Submetido em 9 de novembro de 2024.

Aprovado em 12 de fevereiro de 2025.

Introdução

Em primeira instância, é importante destacar que, segundo Oswald Barroso (2009), entre os muitos Nordeste, há o do poeta Patativa do Assaré, que buscou escrever as ecologias do sertão, carregadas de significados críticos e simbólicos. Nesse cenário, conforme Barroso (2009), o escritor cearense delineou múltiplas representações do sertanejo, em meio a longos períodos de estiagem, os quais vivenciou diretamente, concedendo, assim, verossimilhança aos seus versos.

Nesse contexto, sublinha-se que, de acordo com Gilmar de Carvalho (2009), Patativa do Assaré nasceu em 1909 na Serra de Santana, Assaré-CE e com ele uma veia artística que criou inúmeras poesias, tendo alcançado, em 1964, notoriedade, após a gravação de seu poema *A Triste Partida* pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga. Depois desse marco histórico em sua carreira, Assaré tornou-se conhecido nacionalmente. Isso posto, consoante Carvalho (2009), o autor faleceu em 2002, deixando um grande legado para a poesia popular.

Dentre os poemas de Patativa, a presente investigação se debruçará nos seguintes: *Nordestino, sim! Nordestinado, não!*; *A Festa da Natureza*; *O Burro*; *O Poeta da Roça*; *A Triste Partida*; *Caboclo Roceiro*; *O Sabiá e o Gavião*. Tal escolha se deve ao fato de que essas obras despertam análises para o delineamento das ecologias do sertão e do sertanejo, assentadas na eco-poética (BATE, 2000) e na zoopoética (MACIEL, 2016), que se sustentam num viés inter e transdisciplinar, o que pode suscitar um ensino integrado de ciências.

Partindo desses pressupostos, cabe pontuar que, para Jonathan Bate (2000), a eco-poética é um ramo científico inspirador para quem pretende se debruçar na interpretação das relações da natureza com o ser humano. De maneira análoga, Maria Esther Maciel (2016) assevera que a Zoopoética é um campo aberto para o debate das imbricações do homem com os animais e o ambiente.

Nessa lógica, reitera-se o papel das perspectivas eco-zoopoéticas como mecanismos inter e transdisciplinares para o ensino integrado de ciências, uma vez que o debate sobre as ecologias do sertão e do sertanejo permeia diversas epistemologias,

como, por exemplo, História, Sociologia, Antropologia, Política, Geografia, Filosofia, Psicanálise e Direito. Outrossim, com essa visão holística de análise, pode-se romper com o paradigma clássico-cartesiano, que fragmenta os saberes, e propor novas vertentes científicas e educativas, tendo em vista um ensino de ciências mais complexo e profundo tanto na Educação Básica (Ensino Médio) quanto no Ensino Superior (nas diversas licenciaturas e bacharelados).

A partir desses elementos contextuais, sublinha-se que o presente artigo tem como objetivo analisar os poemas *A Triste Partida*, *Nordestino*, *sim! Nordestinado*, *não! A Festa da Natureza*, *O Poeta da Roça*, *Caboclo Roceiro*, *O Burro* e *O Sabiá e o Gavião*, de Patativa do Assaré, na interface com as perspectivas eco-zoopoéticas, a fim de delinear as ecologias do sertão e do sertanejo na busca de interlocução com um ensino inter e transdisciplinar de ciências.

Ressalta-se, também, que este manuscrito parte da hipótese de que um estudo eco-zoopoético, por se caracterizar como eminentemente inter e transdisciplinar, permite um ensino complexo e transversal de ciências mediante o diálogo com diversas áreas, como, por exemplo, História, Sociologia, Antropologia, Política, Geografia, Filosofia, Psicanálise e Direito.

1. Material e Métodos

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e se enquadra no tipo descritivo-explicativo que, segundo Antônio Carlos Gil (2008), preocupa-se com a evidenciação de fenômenos, com a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a existência de tais eventos e com a elucidação dos motivos pelos quais ocorrem certas regularidades e frequências nas questões observadas.

Nessa conjuntura, adotou-se, como método, a Análise do Discurso de Linha Francesa que, conforme Michel Pêcheux (2006), não há discurso sem sujeito (eu-poético) e não há sujeito (poeta) sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido. Desse modo, Eni Orlandi (2012) corrobora a Análise do Discurso de Linha Francesa na qual considera, também, as condições de produção em que a obra foi escrita e o contexto histórico-social do país, destacando essas duas características como muito relevantes para a análise deste estudo,

uma vez que é através dessas ferramentas que será realizada a análise do discurso na obra em questão.

Ademais, na concepção de Orlandi (2012), há de se levar em conta os fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos do texto. Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do homem com a sua história e com as construções socioculturais e simbólicas. Isso posto, a linguagem norteia-se pela capacidade de significar e significar-se, validando, assim, tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção, as quais compreendem, principalmente, o sujeito (poeta) e a situação (contexto imediato e contexto amplo).

Para Orlandi (2012), as condições de produção da obra se caracterizam como formações imaginárias que se integram às relações de força (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), às relações de sentido (o coro de vozes ou a intertextualidade, ou seja, a articulação que existe entre um discurso e outros) e a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa). Desse modo, este artigo levará em conta essas ponderações, a fim de que sejam desvelados os sentidos que permeiam os discursos das obras em estudo.

Por conseguinte, para construir o marco teórico deste manuscrito, foram acessadas quarenta publicações, como artigos científicos, localizados em periódicos online e em anais de eventos, disponibilizados eletronicamente, que remontam às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books e teses de doutorado, cuja totalidade do referencial teórico data de 1915 (aporte clássico) até consultas que foram realizadas em sites oficiais durante o primeiro semestre de 2023.

2. A Eco-poética de Assaré: reflexões históricas, sociológicas, antropológicas e políticas

A princípio, cabe sublinhar que a Eco-poética teve a sua gênese nos anos 2000 a partir da publicação do livro *The Song of the Earth*, de Jonathan Bate. Nesse sentido, conforme Bate (2000), o papel da Literatura, mais especificamente da poesia, é

despertar a consciência humana para evitar a extinção da vida no planeta e /ou a subjugação de alguns seres, em decorrência da hegemonia de outros povos e culturas.

Nesse contexto, o poema musical *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré, gravado por Luiz Gonzaga, em 1964, reporta-se a um ambiente desolado (sertão), em virtude da escassez de políticas públicas eficazes para a convivência com o semiárido: “Meu Deus, que é de nós, / Meu Deus, meu Deus / Assim fala o pobre / Do seco Nordeste / Com medo da peste / Da fome feroz” (ASSARÉ, 2010, p. 8). Desse modo, evidencia-se o abandono da população sertaneja pelo Estado, que representa a colonialidade do poder, destituindo o sertão de investimentos necessários e centralizando os recursos nas capitais ou em outras regiões brasileiras.

No que concerne a essa imagem negativa e hegemônica do sertão e do sertanejo, assinala-se que, de acordo com o pesquisador Josemar Martins (2006,), tal representação foi construída historicamente no país pelas elites – políticas e econômicas. Dessa forma, agregou-se, no imaginário nacional e internacional, uma visão deturpada acerca da caatinga, ficando conhecida, assim, como uma região inhospita, de vegetação seca, cujos investimentos não dariam conta de prosperá-la.

Diante dessa perspectiva errônea em torno do sertão e do sertanejo, vale sublinhar que, somente de 1980, conforme o professor Roberto Silva (2003), datam-se as primeiras pesquisas voltadas à área de sequeiro, com foco na necessidade de se conviver com a seca, mediante o desenvolvimento de tecnologias e alternativas apropriadas ao homem do semiárido. Tais pesquisas, tardias, deixaram os habitantes do semiárido nordestino envoltos na mais absoluta miséria, forçando-os a migrarem para outras regiões, em busca de melhores condições de vida: “Meu Deus, meu Deus / Eu vendo meu burro / Meu jegue e o cavalo / Nós vamos a São Paulo / Viver ou morrer” (ASSARÉ, 2010, p. 10).

É oportuno destacar que, contemporaneamente, ainda se observam significativos entraves políticos e éticos para a implementação de políticas públicas apropriadas à convivência com o semiárido. Entretanto, houve alguns avanços no lapso temporal compreendido entre 1964, data de popularização da obra em exame, e a presente década. Nesse contexto, para Silva (2003), movimentos anti-hegemônicos vêm desconstruindo imagens equivocadas sobre o sertão através do incentivo à sustentabilidade com base na convivência, o que requer políticas públicas permanentes e adequadas com foco na expansão das capacidades humanas locais, sendo imperativo

romper com as estruturas de concentração da terra, da água, do poder e do acesso aos serviços sociais básicos.

Nesse panorama, consoante Zysman Neiman (2017), professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o ambiente é percebido pelos indivíduos de forma múltipla e diferenciada, uma vez que a compreensão se dá sob uma perspectiva subjetiva apoiada numa realidade ideologicamente construída. Outrossim, a explicação para o fenômeno da seca foi, equivocadamente, assimilada pelo sertanejo como um desígnio divino: “Meu Deus, meu Deus / Entonce o nortista / Pensando consigo / Diz: "isso é castigo / não chove mais não /Ai, ai, ai, ai /Apela pra Março / Que é o mês preferido / Do santo querido / Senhor São José” (ASSARÉ, 2010, p. 9).

Outrossim, pode-se inferir que o sertanejo, ao acreditar que a seca era uma vontade de Deus, muitas vezes, paralisava-se e não reivindicava das autoridades constituídas ações para a convivência com o semiárido. Nessa linha de raciocínio, deduz-se que tal comportamento era confortável ao Poder Público que permanecia inerte a essa realidade. Isso posto, para Neiman (2017), sendo o mundo que nos envolve mediado por representações sociais que se constituem em modalidade de conhecimento e revelam coisas sobre o real e os objetos que o constituem, essas representações permitem esclarecer as concepções dos sujeitos sobre o meio.

De outra parte, pode-se assinalar que, para o fenômeno da seca e o da miséria no sertão, o homem do semiárido, muitas vezes, desenvolve o senso crítico e torna-se capaz de enxergar para além da explicação divina:

Mas não é o Pai Celeste / Que faz sair do Nordeste / Legiões de retirantes / Os grandes mártiros seus / Não é permissão de Deus / É culpa dos governantes / Já sabemos muito bem / De onde nasce e de onde vem / A raiz do grande mal / Vem da situação crítica / Desigualdade política / Econômica e social (ASSARÉ, 2010, p. 20).

Esse descaso do Governo e da elite econômica, por muitas décadas, configurou-se, segundo explicação sociológica, como um legado da colonialidade do poder, do saber e do ser. A esse respeito, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (1997) afirma que o termo colonialidade transcende o colonialismo histórico. Nesse sentido, os efeitos dessa colonialidade não desaparecem com a independência ou descolonização. Em vista disso, o objetivo de dominação e opressão aos seres invisíveis, como os sertanejos, persiste até os dias atuais: “Pois logo aparece / Feliz fazendeiro / Por pouco dinheiro /

Lhe compra o que tem” (ASSARÉ, 2010, p. 11); “Faz pena o nortista / Tão forte, tão bravo / Viver como escravo / No Norte e no Sul” (ASSARÉ, 2010, p. 16).

Em contraposição, no poema *Nordestino, sim; Nordestinado, não!*, de Patativa do Assaré, aparece, explicitamente, a perspectiva da decolonialidade (MIGNOLO, 2010, p. 12), que reconhece as potencialidades de grupos e regiões que foram excluídos historicamente, como os sertanejos e o sertão, revelando, assim, um movimento de subversão a esse cenário de menosprezo e desvalorização: “A Providência Divina / Não nos deu a triste sina / De sofrer o que sofreremos / Deus o autor da criação / Nos dotou com a razão / Bem livres de preconceitos / Mas os ingratos da terra / Com opressão e com guerra / Negam os nossos direitos” (ASSARÉ, 2010, p. 17).

Nessa linha de pensamento, o decolonial implica uma luta contínua à presença da colonialidade do poder, do saber e do ser. Nessa direção, segundo Walter Mignolo (2010), o legado etnocêntrico ainda está arraigado nas relações sociais contemporâneas, posto que o efeito da colonialidade não se extinguiu com a independência política dos povos colonizados, pelo contrário, permanece ativo e se reconstruindo através das neocolonizações: “Não é Deus quem nos castiga / Nem é a seca que obriga / Sofremos dura sentença / Não somos nordestinados / Nós somos injustiçados” (ASSARÉ, 2010, p. 17).

Desse modo, a decolonialidade é um movimento contra-hegemônico que visa a um processo de resistência às colonizações do poder, do saber e do ser, que foram perpassadas historicamente, estabelecendo dicotomias, como: dominante / dominado; desenvolvido / subdesenvolvido; conhecimento científico / saber popular; superior / inferior. Nessa tentativa de valorização coexistente das diversas culturas, uma contribuindo para a ampliação da outra, surge o termo interculturalidade que, conforme Nadir Azibeiro (2003), suscita a aceitação do outro e o respeito ao próximo, bem como a possibilidade de diálogo intercultural numa relação de reciprocidade.

Sob esse viés, parafraseando Assaré (2010, p. 17), “Deus nos dotou de razão e bem livres de preconceitos”. Sendo assim, comportamentos discriminatórios precisam ser extirpados das relações sociais como forma de assegurar o respeito aos direitos humanos. Em vista disso, a segregação existente entre a cultura nordestina e a do Sul / Sudeste (“Tratados com indiferença / Sofremos em nossa vida / Uma batalha renhida / Do irmão contra o irmão / Nós somos injustiçados / Nordestinos explorados / Mas nordestinados não” – ASSARÉ, 2010, p. 18) necessita ser dissolvida, uma vez que, do

ponto de vista antropológico, não existem povos e costumes superiores, apenas diferentes, em razão de características históricas, geográficas e socioeconômicas, peculiares a cada grupo cultural.

Nessa esteira, faz-se pertinente uma visão intercultural para lidar, sem etnocentrismos, com as diversas diferenças, sejam elas geográficas e / ou socioeconômicas. Desse modo, a interculturalidade, segundo Azibeiro (2003), configura-se como a relação coexistente entre as diversas culturas, sem classificações ou julgamentos. Em vista disso, caracteriza-se como um substrato à superação da dicotomia (superior / inferior) nas relações sociais.

Entretanto, criou-se, historicamente, no imaginário (objeto criado que incorpora uma realidade) da população brasileira, uma identidade deturpada em torno do sertão e do sertanejo. Isso ocorreu, tomando para tal questão a perspectiva de Stuart Hall (2005), porque a cultura de determinado local é edificada por meio de símbolos e representações. Nesse contexto, a disseminação de um sertão seco, impróspero e de um sertanejo rude e miserável criou sentidos que os identificam, construindo, assim, as próprias identidades que lhes são peculiares, conforme essas representações sociais, mesmo sendo equivocadas cientificamente.

Isso posto, alguns estigmas foram cristalizados para denominar o Nordeste: “chão rachado”, “terra inóspita”, “povo iletrado e miserável” (MARTINS, 2006, p. 34), impulsionando, assim, o preconceito regional: “Não somos nordestinados / Nós somos injustiçados (ASSARÉ, 2010, p. 18). Daí, a grande necessidade de empreender no sertão um movimento decolonial, capaz de reivindicar o respeito à sua cultura e ao potencial econômico e humano que lhe é intrínseco, desconstruindo, assim, imagens errôneas acerca de suas características.

Nesse viés de luta para desvincular as representações distorcidas sobre o sertão e o sertanejo, destaca-se o papel da poesia como denúncia viva: “Uma vez que o conformismo / Faz crescer o egoísmo / E a injustiça aumentar / Em favor do bem comum / É dever de cada um / Pelos direitos lutar” (ASSARÉ, 2010, p. 19). Partindo de tal lógica, a mensagem poética incita o nordestino a se aliar à decolonialidade que, conforme Maurício Reis e Marcilea Andrade (2018), busca a emancipação de todos os tipos de opressão ao articular, interdisciplinarmente, cultura, política e economia, de maneira a construir um campo epistemológico que privilegie os elementos locais em

detrimento dos legados impostos pelo colonialismo, que desencadeiam sucessivas neocolonizações.

3. A Ecopoética de Assaré: implicações geográficas, filosóficas e psicanalíticas

A *priori*, assinala-se que a Ecopoética, consoante Bate (2000), apresenta como escopo precípua enfatizar estudos que se centrem na análise crítica das relações entre os seres que habitam o planeta e o ambiente circundante, seja físico ou simbólico. Nesse contexto, ressalta-se que a função da Literatura, mais notadamente da poesia, é aguçar a consciência humana para compreender tais imbricações.

Nesse cenário, é oportuno sublinhar as contribuições da Geografia Humanista. Partindo dessa tônica, conforme o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1982), essa área do conhecimento volta-se à busca de um delineamento sobre as relações das pessoas com a natureza, além dos seus sentimentos e ideias acerca do ambiente e do lugar. Sob essa lógica, infere-se que a subjetividade, conectada ao meio, suscita múltiplos sentimentos.

Desse modo, Tuan (1982), na relação ser humano-natureza, aponta dois termos: topofilia que remete à familiaridade e ao apego ao lugar e topofobia, que traz uma significação inversa, tornando-se o “lugar do medo, da repugnância” (TUAN, 2005, p. 20). Dessa forma, essa subjetividade pode ser marcada tanto pela afeição quanto pelo desprezo, destacando, assim, essas emoções contraditórias que permeiam o universo humano na ligação com o local habitado.

A esse respeito, destaca-se um trecho do poema *Nordestino, sim; Nordestinado, não!*: “Há muita gente que chora / Vagando de estrada afora / Sem terra, sem lar, sem pão / Crianças esfarrapadas / Famintas, escaveiradas” (ASSARÉ, 2010, p. 19). Diante desse fragmento, observa-se a ausência de um local apazível em que o sertanejo possa se fixar, perpassando, assim, uma emoção negativa na relação com o seu nomadismo. Em vista disso, infere-se que, segundo Tuan (2005), essa relação das pessoas com um ambiente repulsivo lhes traz uma emoção topofóbica, de aversão a um contexto degradante.

Outrossim, numa conjuntura de secas prolongadas, desencadeiam-se calamidades humanas. Sob esse viés, conforme Tuan (2005), faz-se emergir uma paisagem adversa que suscita uma verdadeira experiência de sofrimento e medo (topofobia): “Aqueles pobres mendigos / Vão à procura de abrigos / Cheios de

necessidade / Nesta miséria tamanha / Se acabam na terra estranha / Sofrendo fome e saudade” (ASSARÉ, 2010, p. 19).

Esse panorama topofóbico também se faz presente em outros poemas de Assaré, como em *A Triste Partida*, por exemplo: “Setembro passou / Outubro e Novembro / Já tamo em Dezembro / Meu Deus, que é de nós, / Meu Deus, meu Deus / Assim fala o pobre / Do seco Nordeste / Com medo da peste / Da fome feroz” (ASSARÉ, 2010, p. 8). A partir de tal situação atroz, esboça-se um quadro nefasto que remete a um cenário topofóbico e, portanto, inóspito.

De outra parte, é oportuno considerar que, para o psicanalista Sigmund Freud (1915), o ser humano, diante da escassez de recursos, libera as pulsões de morte, que representam o ânimo recôndito, que é acessado por ele por meio do subconsciente, tendo em vista a superação das adversidades. De modo análogo, o sertanejo, em virtude das intempéries provenientes de longos períodos de estiagem, absorve esse “narcisismo de morte” (GREEN, 1988, p. 13), trazendo-lhe coragem para enfrentar os obstáculos, tais como o êxodo rural e uma vida de privações em terra alheia: “A seca terrível / Que tudo devora / Lhe bota pra fora / Da terra natá” (ASSARÉ, 2010, p. 12).

Nesse panorama, verifica-se que a busca pela sobrevivência é uma constante na vida do sertanejo. Nessa perspectiva, de acordo com o biólogo Charles Darwin (1981), na obra “*A Descendência do Homem*”, em situações restritivas, predomina-se, no ser humano, a busca pela subsistência, a fim de manter-se vivo: “Nós vamos a São Paulo / Que a coisa tá feia / Por terras alheia / Nós vamos vagar” (ASSARÉ, 2010, p. 11).

Partindo dessa realidade funesta, cabe pontuar, também, que, segundo o filósofo Friedrich Nietzsche (1999), em contextos de limitação de recursos, o ser humano, para sobreviver, é movido por uma força dionisíaca, capaz de lhe proporcionar ânimo e destemor, a fim de enfrentar as agruras da vida: “Em um caminhão / Ele joga a fãmia / Chegou o triste dia / Já vai viajar” (ASSARÉ, 2010, p. 12).

Reforça-se, por conseguinte, que essa aversão que se reporta a uma tragédia humana não traduz o desejo do sertanejo em abandonar a sua terra (“Partido de pena / De longe acena / Adeus meu lugar” – ASSARÉ, 2010, p. 12), mas de superar esse contexto deletério. Isso se dá mediante a vinda das chuvas e / ou através da implementação de políticas públicas eficazes para a convivência e o desenvolvimento do semiárido, emergindo, assim, um quadro de topofilia, ou seja, de amor ao solo onde nasceu, cresceu e pretende se fixar e sobreviver dignamente.

Nessa ótica, cabe destacar que o sertanejo mantém um profundo caso de amor com a sua terra natal. Dessarte, essa constatação ocorre, também, por meio de outros trechos e poemas de Assaré, como, por exemplo, em *A Festa da Natureza*: “Chegando o tempo do inverno, / Tudo é amoroso e terno... / O nosso sertão amado, / Estrumicado e pelado, / Fica logo transformado / No mais bonito jardim (ASSARÉ, 2010, p. 23) e em *O Poeta da Roça*: “Eu vivo contente e feliz com a sorte / Morando no campo...” (ASSARÉ, 2010, p. 28).

Partindo dessas observações, coaduna-se o profundo sentimento de pertencimento ao lugar – topofilia – revelado pelo eu-lírico dos poemas acima, despertando, assim, uma relação subjetiva com o espaço onde viveu e com as paisagens com as quais conviveu, construindo, assim, laços afetivos com o território. Nessa esteira, para o geógrafo Jan Simon Hutta (2020), os territórios são, inerentemente, afetivos e essa dimensão simbólica tem sido tratada, comumente, através de noções, como “topofilia”, o que enfatiza o elo entre as pessoas e um lugar, assim como ocorreu nas obras poéticas em exame.

Corroborando Hutta (2020), o geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2004) assevera essa tendência dos territórios afetivos, quando afirma que, frequentemente, o termo territorialidade tem sido utilizado para enfatizar a sua apropriação subjetiva e a construção de uma identidade territorial através de registros simbólicos, como se pôde verificar nos poemas *A Festa da Natureza* e *O Poeta da Roça*.

Nessa tônica, pode-se afirmar que a topofilia ativa, no ser humano, as pulsões de vida que, consoante Freud (1915), configuram-se como uma energia, capaz de suscitar emoções, como alegria, paz e tranquilidade: “Tudo é paz, tudo é carinho, / Na construção de seus ninho, / Canta alegre os passarinho / As mais sonora canção. / E o camponês prazenteiro / Vai prantá feijão ligero, / Pois é o que vinga premero / Nas terras do meu sertão” (ASSARÉ, 2010, p. 25). Sob essa seara, pondera-se, também, que, segundo Nietzsche (1999), há, no ser humano, em condições propícias à subsistência, uma força apolínea, que produz sonhos, esperanças e crenças em dias melhores.

Ademais, infere-se que as alterações do ambiente moldam a subjetividade do sertanejo. Desse modo, as modificações da paisagem (árida, seca para verde e exuberante) determinam os sentimentos do sertanejo, ou seja, o seu universo de emoções, marcado por sensações positivas (bem-estar, alegria, prazer – topofilia – pulsões de vida, força apolínea) ou negativas (tristeza, saudade, angústia – topofobia –

pulsões de morte – narcisismo de morte – força dionisíaca).

Outra forma de liberação das “pulsões de vida” (FREUD, 1915, p. 21) e da força apolínea” (NIETZSCHE, 1999, p. 15) vem da espiritualidade. Desse modo, a religiosidade sertaneja o lança a momentos de esperança em dias melhores, como se pode identificar nos trechos do poema *A Triste Partida*: “Meu Deus, meu Deus / Meu Deus, que é de nós, / Mas noutra esperança / Com gosto se agarra / Pensando na barra / Do alegre Natal / Apela pra Março / Que é o mês preferido / Do santo querido / Senhor São José” (ASSARÉ, 2010, p. 8-9). Nesse contexto, reitera-se que a fé, para Freud (1939), caracteriza-se como uma “pulsão de vida”, propiciando ânimo ao ser humano. Analogamente, a fé do sertanejo o impulsiona à superação das adversidades ambientais e econômicas, como a seca e a pobreza.

Por conseguinte, os poemas de Assaré aqui investigados revelam, em preponderância, uma situação decrépita do sertão e do sertanejo em meio a longos períodos de estiagem. Nessa ótica, tal contexto de penúria viola a Declaração Universal dos Direitos Humanos - DUDH, promulgada em 1948, quando preconiza, no Artigo 1º, que “todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Entretanto, os sertanejos, invisibilizados socialmente, são tratados com preconceito e descaso pelas autoridades constituídas, conforme se pode identificar no poema *Caboclo Roceiro*:

Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo / A tua sentença não parte do céu / O mestre divino que é sábio profundo / Não faz neste mundo teu fardo infeliz / As tuas desgraças com tua desordem / Não nascem das ordens do eterno juiz / O sol do seu brilho jamais te negou / Porém os ingratos, com ódio e com guerra / Tomaram-te a terra que Deus te entregou (ASSARÉ, 2010, p. 31-32).

De acordo com Paulo César Estrada (2002), as prerrogativas legais configuram-se no âmbito discursivo-teórico e, por mais nobre que seja uma igualdade que reúne todos em um nós é sempre uma igualdade afirmada, postulada, instituída e não, efetivamente, pragmática. Depreende-se, portanto, que o ordenamento jurídico se estabelece como um ato performático e, nesse contexto, não pode ser entendido como se já existisse por si mesmo.

Dessarte, como afirma Estrada (2002), os documentos jurídicos representam um norteamento para a ação e não a ação propriamente dita. Portanto, observa-se que a DUDH/48 assegura, em tese, a dignidade humana, todavia, na prática, esse instituto legal não é cumprido. E um exemplo claro dessa inefetividade é a invisibilização da

miséria dos sertanejos, em face de extensos períodos de estiagem, conforme exemplificado nos fragmentos dos poemas em tela.

4. A Zoopoética de Assaré: um debate histórico-jurídico

De início, vale destacar que a Zoopoética, segundo Maria Esther Maciel (2016), configura-se como um ramo da Zooliteratura, que se centra no Estudo dos Animais. Nesse contexto, ressalta-se que a arte poética que tematiza o mundo zoo suscita reflexões acerca da “outridade” dos inumanos (MACIEL, 2016, p. 5), haja vista a necessidade de eliminar do cenário acadêmico-social visões estritamente antropocêntricas.

Diacronicamente, pondera-se que a concepção antropocêntrica ganhou fôlego no século XVII, cuja influência perdura até os dias atuais. Desse modo, pôde consolidar-se o paradigma clássico-cartesiano, que se caracteriza como uma perspectiva científica calcada nos pilares da racionalidade, universalidade e neutralidade. Nesse contexto, para o filósofo francês René Descartes, o ser humano pensa, logo existe. Por conseguinte, a condição de existir está atrelada, essencialmente, ao ato de pensar.

Outrossim, como afirma Descartes no livro *Discurso do Método*, o comportamento dos animais é mecânico. Dessa forma, segundo o autor, o animal age involuntariamente sob a influência do meio externo. Nessa tônica, sob um espectro histórico, construiu-se um humanismo ou um antropocentrismo que subjugou os não humanos e os descaracterizou da condição plena de existir, que remete à dignidade enquanto seres vivos que têm consciência de si e do seu entorno.

Analisando as ideias de Descartes, a filósofa Juliana Fausto (2018) assevera que essa constatação de que os não humanos têm uma percepção mecânica de si e do seu entorno consolidou, por muitos séculos, a teoria dos animais-máquina. Nessa conjuntura, tal tese salienta a impossibilidade de os animais produzirem linguagem e fazerem-se compreendidos nas relação com os humanos.

Entretanto, a zoopoética de Assaré rechaça tal abordagem mecanicista, como se pode observar no poema *O Burro*: “É mais manso e tem mais inteligência / de que alguns sábio de ciência...” (ASSARÉ, 2010, p. 33). Dessarte, fica explícita a esperteza dos animais, tendo em vista a superação de problemas do seu cotidiano, evidenciando, assim, um trato racional para lidar com situações adversas.

Nessa linha de pensamento, os Estudos Animais (MACIEL, 2008) vêm sucumbindo essa vertente antropocêntrica, cedendo espaço a outras apropriações. Sob esse viés, segundo Maciel (2011), a Zoopoética, que designa o estudo teórico de obras literárias e estéticas sobre animais, configura-se como grande aliada à desconstrução do humanismo e à formação de um novo pensar, o qual prevê a “outridade” animal, conforme expressam os versos de Assaré, extraídos do poema *O Sabiá e o Gavião*: “E lá da ponta de um gaio, / Os dois véio sabiá / Mostrava no triste canto / Uma mistura de pranto, / Num tom penoso e funéreo, / Parecendo mãe e pai, / Na hora que o fio vai / Se interrá no cimitéro” (ASSARÉ, 2010, p. 40)

Considerando o excerto acima, pode-se inferir o sentimento de pesar dos velhos sabiás que perderam seus recém-nascidos passarinhos, demonstrando, assim, a “outridade” animal, defendida por Maciel (2011). Nesse cenário, cabe realçar que tal “outridade” refere-se ao reconhecimento da senciência. Em outros termos, tal fenômeno atrela-se à possibilidade de animais ditos irracionais expressarem sentimentos e emoções, além de revelarem consciência sobre o que ocorre com eles mesmos e com aqueles que estão ao seu redor.

Diante dessa sensibilidade literária para captar a demonstração de sentimentos dos animais, é válido pontuar que a questão da senciência animal vem sendo discutida, quer no âmbito internacional, quer internamente, como forma de assegurar alguns direitos dos animais, a fim de evitar a insensibilidade dos humanos no reconhecimento de diversas características que lhes são peculiares, mas, com a disseminação do antropocentrismo, lhes foram negadas ao longo do tempo.

Sob esse viés, segundo a Dra. Virgínia Williams, presidente do Comitê Consultivo Nacional de Ética Animal, em 2020, a condição dos animais como seres sencientes começa a ser reconhecida legalmente em diversos países da Europa (França, Portugal, Alemanha, Suíça, Áustria), da Oceania (Nova Zelândia e Austrália) e da América do Sul, como o Brasil, podendo desencadear, assim, um instituto jurídico que garanta seus direitos enquanto seres que revelam emoções e apresentam consciência da perda de seus entes queridos.

Nessa perspectiva, tal movimento de alcance mundial representa mais um grande passo para a conquista dos direitos dos animais, visto que eles têm sentimentos (dor física e psicológica – angústia), podendo experimentar emoções negativas e positivas, além, é claro, de terem consciência de si e do seu entorno, mesmo que em nível

diferente dos humanos, lidando com situações adversas e encontrando soluções para melhor superá-las. Daí, torna-se imperativo tal reconhecimento, com o fito de diminuir o abismo entre o trato jurídico dos humanos e o dos não humanos.

5. A Eco-Zoopoética como ferramenta a um ensino inter e transdisciplinar de ciências

Em primeira análise, retoma-se que a Eco-poética, para Bate (2000), tem o intuito de despertar, mediante uma abordagem inter e transdisciplinar, a consciência humana. Em vista disso, propõe-se uma existência amistosa com os outros seres e a natureza como um todo, a fim de evitar a subjugação de alguns povos e culturas, além de suscitar a criação de relações entre os seres que habitam o planeta e o ambiente circundante, seja físico ou simbólico.

De igual modo, em segunda análise, reitera-se que a Zoopoética, conforme Maciel (2016), apresenta como escopo precípua a tentativa de refutar, por meio de uma perspectiva inter e transdisciplinar, a vertente cartesiana dos Estudos Animais, que coloca o humano num patamar superior, em detrimento dos outros viventes. Daí, a importância de um senso crítico acurado, tendo em vista um debate frutífero em torno dessas questões.

No que concerne à Eco-poética, foi possível identificar, através dos poemas *Triste Partida e Nordeste, sim; Nordeste, não!*, de Patativa do Assaré, diversas relações inter e transdisciplinares para o ensino de ciências, congregando, assim, algumas epistemologias, como, por exemplo, História, Sociologia, Antropologia e Política, com vistas a um diálogo imbricado sobre as ecologias do sertão e do sertanejo.

Nesse contexto, cabe frisar que, consoante Décio Auler (2007), a interdisciplinaridade requer a interpretação dos fenômenos sob vários olhares epistêmicos articulados em torno de um tema constituído, de um problema aberto. Dessa forma, por ser aberto, induz a inúmeras análises que só podem ser construídas através da integração das ciências. Assim, um professor não precisa ser detentor de todo o conhecimento escolar, mas um grupo de professores, atuando em conjunto, pode responder às questões mais complexas, como, por exemplo, inferir as ecologias do sertão e do sertão por intermédio de áreas afins.

Dessarte, consoante Ivani Fazenda (2011), essa imersão inter e transdisciplinar permite a interface com inúmeros ramos do conhecimento, impulsionando, assim, um ensino integrado de ciências. Tal ensino pode ocorrer a partir da aderência entre as áreas de Linguagens (Português, Literatura, Arte) e Ciências Humanas e Sociais (História, Sociologia, Antropologia), mediadas, por exemplo, pela Eco-poética. Sob essa ótica, torna-se possível a interlocução dessas disciplinas tanto na Educação Básica (Ensino Médio) como no Ensino Superior (Licenciaturas de Letras, História, Ciências Sociais e Bacharelado em Antropologia), haja vista a necessidade de romper com visões excludentes em torno das ecologias do sertão e do sertanejo.

Ademais, em se tratando, ainda, da Eco-poética neste manuscrito, vale destacar outros campos epistemológicos convergentes para um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Nesse ínterim, a partir dos poemas *A Triste Partida*, *Nordestino*, *sim*; *Nordestinado*, *não!*, *A Festa da Natureza*, *O Poeta da Roça* e *Caboclo Roceiro*, de Patativa do Assaré, foram observadas imbricações com Geografia Humanista, Filosofia e Psicanálise.

Sob esse viés, salienta-se que, segundo Juarez Thiesen (2008), a interdisciplinaridade provoca um redimensionamento do saber. Nessa tônica, é preciso compreender os recortes e limites das diversas ciências, para reintegrá-las, descobrindo como podem contribuir ao aprofundamento da compreensão dos fenômenos. Em outras palavras, redimensionar o saber é expandir os horizontes e os contornos delineados pela especialização, cujo conhecimento era visto apenas sob uma ótica racional, não havendo necessidade de outros olhares.

Para Maria Cândida Morais e Juan Miguel Navas (2010), com essa visão aberta e transversal, é possível desenvolver um ensino integrado de ciências que esteja assentado numa epistemologia diversa, capaz de amplificar a compreensão dos fenômenos que estão sendo investigados pelo professor-pesquisador. Dessa forma, com base no presente artigo, faz-se imperioso um estudo inter e transdisciplinar acerca das ecologias do sertão e do sertanejo. Nessa perspectiva tanto a Educação Básica (Ensino Médio – Geografia e Filosofia) como o Ensino Superior (Licenciaturas de Letras, Geografia e Filosofia) podem empreender tal ensino, com vistas a superar as fragmentações inférteis e promover uma partilha de saberes, indispensável à complexidade e à profundidade do tema em discussão.

No tocante à Zoopoética, foi pertinente verificar, por meio dos poemas *O Burro* e *O Sabiá e o Gavião*, de Patativa do Assaré, as nuances histórico-jurídicas que permeiam as relações entre o ser humano, os animais, a natureza e a sociedade. Isso posto, infere-se que é possível um ensino inter e transdisciplinar de ciências, haja vista a riqueza de debates que está atrelada ao delineamento das ecologias do sertão e do sertanejo na interface com a História e o Direito dos Animais.

Partindo dessa lógica, o sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (2000) afirma que o conhecimento pertinente deve contar com a complexidade, que é pautada pela solidariedade epistemológica, tendo em vista a compreensão dos fenômenos científicos. Desse modo, com a adoção da complexidade, é possível desenvolver um ensino inter e transdisciplinar de ciências, fundamentado no compromisso de desenvolver uma educação para a ética planetária, como, por exemplo, congregando os pressupostos teóricos da História e do Direito para melhor entender as minúcias que circundam a temática animal.

Portanto, consoante Morin (2000), há complexidade, quando elementos diferentes são inseparáveis e constitutivos do todo (como o histórico, o econômico, o político, o sociológico, o antropológico, o filosófico, o jurídico, o geográfico, o poético e o psicanalítico). Concomitantemente, ressalta-se que, na complexidade e no viés inter e transdisciplinar para o ensino de ciências, mediado pela Eco-zoopoética, é possível construir em sala de aula e para além desse espaço, na Educação Básica e no Ensino Superior, um tecido pedagógico interdependente e interativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto.

Conclusão

Levando em conta o que foi percorrido no presente artigo, reitera-se a substancial importância das perspectivas eco-zoopoéticas para um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Dessarte, adotando o viés educativo da complexidade, é possível suscitar um ensino integrado ao manter aderência com diversas áreas, conforme foi apresentado e discutido neste manuscrito.

Partindo desse pressuposto, torna-se viável uma imersão epistêmica dialogal, por intermédio da arte / literatura / poesia, visto que o estudo transversal fomenta uma interlocução com inúmeros ramos do conhecimento, tais como: História, Sociologia,

Antropologia, Política, Geografia, Filosofia, Psicanálise e Direito, podendo desencadear um ensino integrado tanto na Educação Básica (Ensino Médio) quanto no Ensino Superior, articulando, por exemplo, as Licenciaturas em Letras, Geografia, História, Ciências Sociais e Filosofia

Nesse panorama, realça-se que os poemas de Assaré, analisados neste artigo, caracterizam-se como uma fonte inter e transdisciplinar para o delineamento das ecologias do sertão e do sertanejo por meio de um ensino integrado de ciências. Em vista disso, salienta-se que a poesia, em face da polissemia que evoca e do engajamento do poeta, permite uma multiplicidade de interpretações, cujas reflexões a ela implicadas remetem a diversas áreas do saber, facilitando, assim, uma análise complexa e profunda do ser humano na relação com o ambiente, os animais, a sociedade e a cultura.

Portanto, a Eco-poética e a Zoo-poética configuram-se como férteis mecanismos a um ensino inter e transdisciplinar de ciências, uma vez que agregam reflexões múltiplas e desencadeiam conhecimentos vários que eram concebidos diacronicamente como inconciliáveis. Dessa forma, tais vertentes representam um contributo à superação do paradigma positivista, que, ainda hoje, prepondera no meio acadêmico-científico, impedindo, muitas vezes, um profícuo diálogo entre os diversos campos epistêmicos, o que emperra o desenvolvimento de um ensino integrado e complexo de ciências.

Referências

ASSARÉ, P. do. A Festa da Natureza. *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 23-25.

ASSARÉ, P. do. Nordestino, sim! Nordestinado, não! *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 17-22.

ASSARÉ, P. do. O Burro. *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 33.

ASSARÉ, P. do. O Poeta da Roça. *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 26-28.

ASSARÉ, P. do. A Triste Partida. *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 8-16.

ASSARÉ, P. do. Caboclo Roceiro. *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 29-32.

ASSARÉ, P. do. O Sabiá e o Gavião. *In*: CARVALHO, G. de (org.). **Antologia poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010, p. 34-41.

AULER, D. Enfoque ciência-tecnologia-sociedade: pressupostos para o contexto brasileiro. **Ciência & Ensino**, v. 1, p. 1-20, 2007.

AZIBEIRO, N. E. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. *In*: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 85-107, 2003.

BARROSO, O. Folhetos de Patativa do Assaré. *In*: ARRUDA, I (Org.). **Patativa do Assaré**: Poeta Universal. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009, p. 36-53.

BATE, J. **The Song of the Earth**. Cambridge, Massachussets: Havard University Press, 2000.

CARVALHO, G. de. Patativa: o voo de um poeta *In*: ARRUDA, I. (Org.). **Patativa do Assaré**: Poeta Universal. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009, p. 27-35.

DARWIN, C. **Descent of Man**. Princeton: Princeton University Press, 1981.

ESTRADA, P. C. **Às margens**: a propósito de Derrida. São Paulo: Loyola, 2002.

FAUSTO, J. A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivissecação e mecanomorfose no século XVII. **Revista DoisPontos**., Curitiba, v. 15, n. 1, p. 43-59, 2018.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. *In*: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 13-18.

FREUD, S. O Inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**. ESB, vol. XIV, 1915.

FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1939.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GREEN, A. **Narcisismo de vida. Narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. Do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11-18, 2004. 396p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUTTA, J. S. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Revista Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 63-89, 2020.

- MACIEL, M. E. **O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea**. São Paulo: Lumme Editor, 2008.
- MACIEL, M. E. Exercícios de Zooliteratura. **Revista ComCiência**, Campinas, n. 134, 2011.
- MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MARTINS, J. S. **Tecendo a rede: notícias críticas do trabalho de descolonização curricular no Semi Árido Brasileiro e outras excedências**. 2006. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- MIGNOLO, W. D. Aisthesis Decolonial. **Calle**, v. 4, no. 4. Enero-junio, p. 10-25, 2010.
- MORAIS, M. C.; NAVAS, J. M. B. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- NEIMAN, L. de O. Z. Caderno I – Comunicações. *Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)*, v.12, n. 3, 2017. **Anais do IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental**.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006.
- QUIJANO, A. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. *In: Anuário Mariateguiano*. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.
- REIS, M. de N.; ANDRADE, M. F. F. de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, março, 2018.
- SILVA, R. M. A. da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003.
- THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação** (online), v. 13. n. 39, 2008.

TUAN, Y. Geografia Humanista. *In*: CRISTOFOLETI, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL 1982.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.